



FL·UC/1911·2011

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO

In memoriam

Elogio fúnebre – 2011.03.09

Carlos Ascenso André

Diretor da FLUC

Tomba sobre nós o estranho silêncio das viagens derradeiras. Leve como uma pétala, no declinar do seu efémero tempo; triste, talvez, como a luz incerta destes dias onde se resguarda a fronteira do Inverno; denso, como a palavra, robustecida nos contrafortes da idade.

Com este silêncio estranho irmanam os sons difusos do sino que vai entoando notas de despedida do alto da velha torre.

O silêncio e o badalar do sino e o desencontro de nossas palavras sem rumo: eis quanto nos acompanha nesta hora extrema em que trazemos de retorno à terra discreta quem discreto a pisou ao longo dos últimos oitenta e dois anos.

Manuel de Oliveira Pulquério pisou a terra, primeiro, na cidade grande. Em Lisboa, que o viu nascer, lhe nasceu, por certo, o fascínio pela palavra. Com ele haveria de conviver toda uma vida, como quem nela busca a única ciência ou, talvez antes, a primeira e a última das ciências. Na ciência da palavra viria a formar-se, ainda em Lisboa, preso, já então, de uma espécie de encantamento pelas letras clássicas, carregadas de anos, densas de mistérios, prenes de interrogações sem fim.

Mas foi a Coimbra que se acolheu, anos volvidos, quando a fortuna o chamou a fazer das letras clássicas o seu destino e a sua viagem e a estabelecer morada, enquanto homem de cultura e de saber, na velha Roma e na velha Grécia. Virgílio e a poesia latina seriam o seu portal de entrada nesse novo mundo. Mas depressa descobriu que era na Grécia que se escondia a semente do seu fascínio.

Nas letras gregas, até nós trazidas pelos desvãos escusos do tempo, firmou, sem desfalecimento, a sua natureza de homem de ciência – da ciência da palavra. A música da palavra ou a palavra-música; os segredos da palavra – ou a palavra-segreto; a condição humana da palavra.

A música da palavra, desde logo, seja na preparação do seu doutoramento, pacientemente estruturado com os melhores mestres helenistas do seu tempo, por terras longínquas da Alemanha, seja, depois, em novas

etapas do seu percurso académico. Cedo se revelou o mais profundo conhecedor, entre nós, das artes métricas dos dramaturgos gregos. Um patamar onde não foi ainda igualado na universidade portuguesa.

Os segredos da palavra, também. Ou, se se preferir, a palavra volvida segredo, persistentemente questionada pelos filósofos. Não são muitos os que dedicaram, como ele, tamanha atenção a essa semente do pensamento ocidental que foi a filosofia de Platão. Estudou-o pacientemente; procurou os sentidos mais profundos das teias da sua indagação desassossegada; traduziu-o com a mestria que faz do rigor e da objetividade o seu método único e da beleza o seu rumo constante.

A condição humana da palavra, enfim. Essa será, acaso, a dimensão última que a palavra alcança no mundo quase mágico da tragédia e seus maiores cultores. Uma condição humana que se traduz na palavra culpa, na palavra castigo, na palavra destino, na palavra sofrimento. É um trilho difícil e ousado, esse que se percorre nos meandros ínvios de Sófocles, de Ésquilo, de Eurípides. Um trilho que parece desembocar fatalmente na busca de explicação para o quase inexplicável: o sofrimento que vive paredes meias com a natureza do próprio ser humano. Para ele buscou Manuel de Oliveira Pulquério respostas que, porventura, jamais o satisfizeram; porque cada resposta era sempre semente de novas perguntas, num questionar que parecia não ter fim. Decerto por não haver explicação plausível e definitiva para o inexplicável; ou talvez porque não pode haver resposta plena, quando a insatisfação e a dúvida marcam o compasso da busca.

Sempre assim foi o Professor Oliveira Pulquério. As sucessivas gerações de alunos que ajudou a formar guardam dele aquelas sínteses ímpares, onde se reuniam, à uma, as suas interpretações, jamais conclusas, e as suas perguntas, sempre desafiantes. E a figura discreta e serena que desenhava umas e formulava as outras, como se o questionar da vida, ela mesma, pudesse ser feito sem sobressaltos, que, para abismos, bastavam já os que a palavra, ela própria, ia tecendo ou deixara tecidos ao longo de mais de dois milénios de viagem.

Dessa forma construiu uma dupla obra: a que deixou escrita, nas traduções de Platão, nas traduções dos tragediógrafos gregos, no estudo dos problemas mais candentes da natureza humana que as suas tragédias desenharam; e a que foi construindo na construção dos seus discípulos.

Mas Manuel de Oliveira Pulquério foi mais do que isso. Foi um universitário, no mais completo sentido da palavra. Viveu na Universi-

dade, viveu com a Universidade, viveu para a Universidade. Ou, talvez simplesmente, viveu a Universidade. A ela se entregou, na plenitude de si. Sereno, sempre, discreto, como poucos, aparentemente sem ambições, viu a sua Universidade de Coimbra confiar-lhe difíceis tarefas e cargos. Foi Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, eleito por amplo consenso. Foi Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, durante quatro anos; um período ao longo do qual foi incumbido de exigentes tarefas de representação institucional, a nível nacional e a nível internacional, em palcos onde honrou sempre a Universidade de Coimbra e a Universidade portuguesa e alcançou considerável prestígio entre os seus pares.

Discretamente havia entrado na Faculdade de Letras e discretamente saiu, ao optar pela aposentação, algo prematura.

Não deixou, porém, a Universidade. Um universitário nunca deixa de o ser. Pouco depois, veio a ser Diretor da Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa, a qual, em boa verdade, formou, na verdadeira aceção da palavra. Sob sua direção, aquela Faculdade desenvolveu-se, afirmou-se, criou um corpo docente de qualidade e formou várias gerações de alunos.

Este homem, que estudou filósofos e poetas, ele, que ousou ser, também, um poeta, era, enfim, um homem de família. Dedicado aos seus, sempre se repartiu entre a sua casa e os que nela lhe preenchiam a existência de homem sereno e tranquilo, posto que de espírito desassossegado. A sua partida deixa um vazio bem difícil de preencher. Em nome da Faculdade de Letras e da Universidade de Coimbra, cujo magnífico Reitor tenho a honra de representar neste momento, apresento aos seus familiares, em especial a sua filha e seu neto, as mais sentidas condolências e transmito-lhes a expressão da solidariedade de toda a comunidade universitária neste momento de dor.

Nesta hora extrema, tomba sobre nós o silêncio próprio das viagens derradeiras. Com ele se irmana o nosso silêncio, entrecortado do toque de despedida dos sinos da velha torre. Absurdas se tornam todas as palavras diante do vazio, absurdas se afiguram diante do exemplo do homem de família, do cidadão, do professor que acompanhamos. À terra o entregamos, discreto, como sempre viveu. Saibamos nós honrar a sua memória, o seu nome e o seu legado. Que a terra lhe seja leve. Que o tempo lhe seja longo.